

DESAFIOS DO ENFERMEIRO NO CUIDADO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Recebido em: 19/09/2025

Aceito em: 05/02/2026

DOI: 10.25110/arqsaude.v30i2.2026-12360



Pedro Augusto Bossonario ¹
Ana Paula dos Santos Serrano ²
Márcia Paola Camacho Gualberto ³
Maria de Fátima Garcia Lopes Merino ⁴
Marcela Demitto Furtado ⁵
Mayckel da Silva Barreto ⁶
Gabriel Zanin Sanguino ⁷

RESUMO: O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é uma condição complexa que interfere na comunicação, na interação social e no comportamento. A falta de compreensão e apoio adequado por parte dos profissionais enfermeiros impactam na vida diária e no bem-estar das crianças com TEA e suas famílias. Esta revisão buscou identificar, a partir da literatura, os principais desafios enfrentados pelo enfermeiro no cuidado à criança com Transtorno do Espectro Autista. Trata-se de revisão integrativa da literatura, com busca realizada nas bases de dados BDENF, Scopus, Web of Science, EMBASE, Lilacs e MEDLINE, entre 1990 e 2024. Os descritores utilizados foram adaptados à língua de cada base, e os resultados exportados para o software Rayyan, sendo os materiais duplicados excluídos. Procedeu-se à leitura dos títulos e resumos, incluindo-se aqueles que respondiam à pergunta norteadora: “Quais são os desafios enfrentados pelo enfermeiro no cuidado de crianças com Transtorno do Espectro Autista, no contexto da prática de enfermagem?”, elaborada a partir da estratégia PICO. Os artigos selecionados foram lidos na íntegra e tiveram os dados extraídos por meio de um instrumento padronizado. Foram recuperados 4.136 materiais nas seis bases de dados, sendo 741 excluídos por duplicidade, resultando em uma amostra final de 12 estudos. Esses trabalhos, publicados em inglês e português, foram realizados na América do Norte, América do Sul, Ásia, Europa e África, entre 2013 e 2024, abrangendo pesquisas quantitativas, qualitativas e mistas. Estiveram entre os principais desafios encontrados pelos enfermeiros frente ao cuidado com a criança com TEA o déficit na formação e

¹ Doutor, Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Enfermagem.

E-mail: pabossonario@uem.br, ORCID: [0000-0001-6287-174X](https://orcid.org/0000-0001-6287-174X)

² Graduanda, Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Enfermagem.

E-mail: ra134701@uem.br; ORCID: [0009-0008-6936-4968](https://orcid.org/0009-0008-6936-4968)

³ Graduanda, Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Enfermagem.

E-mail: ra133182@uem.br; ORCID: [0009-0005-8516-3531](https://orcid.org/0009-0005-8516-3531)

⁴ Doutor, Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Enfermagem.

E-mail: mfglmerino2@uem.br, ORCID: [0000-0002-3259-2392](https://orcid.org/0000-0002-3259-2392)

⁵ Doutor, Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Enfermagem.

E-mail: mdfurtado@uem.br, ORCID: [0000-0003-1427-4478](https://orcid.org/0000-0003-1427-4478)

⁶ Doutor, Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Enfermagem.

E-mail: msbarreto@uem.br, ORCID: [0000-0003-2290-8418](https://orcid.org/0000-0003-2290-8418)

⁷ Doutor, Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Enfermagem.

E-mail: gzsanguino@uem.br, ORCID: [0000-0002-3273-5496](https://orcid.org/0000-0002-3273-5496)

capacitação profissional, a fragilidade na comunicação com a criança e família, as limitações estruturais e organizacionais do sistema de saúde, a articulação insuficiente com rede de apoio e equipe multiprofissional, os estigmas e barreiras socioculturais e as dificuldades na triagem e detecção precoce. O cuidado de enfermagem à criança com TEA ainda enfrenta barreiras relacionadas à formação profissional, à estrutura dos serviços e a estigmas sociais. Superá-las requer capacitação contínua, fortalecimento da rede de apoio e investimentos em políticas públicas que assegurem serviços acessíveis e integrados. Assim, torna-se possível promover um cuidado integral, qualificado e sensível às necessidades da criança e de sua família.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista; Criança; Cuidados de Enfermagem; Papel do Profissional da Enfermagem.

NURSING CHALLENGES IN THE CARE OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER: AN INTEGRATIVE REVIEW

ABSTRACT: Autism Spectrum Disorder is a complex condition that affects communication, social interaction, and behavior. Insufficient understanding and support from nursing professionals negatively impact the daily lives and well-being of children with ASD and their families. This review aimed to identify, based on the literature, the principal challenges encountered by nurses in the care of children with Autism Spectrum Disorder. This integrative literature review searched BDENF, Scopus, Web of Science, EMBASE, LILACS, and MEDLINE for studies published between 1990 and 2024. Search terms were adapted to each database language, and results were exported to Rayyan, with duplicates removed. Titles and abstracts were screened, and studies were included if they answered the guiding question—formulated using the PICO strategy—“What challenges do nurses face in caring for children with Autism Spectrum Disorder in the context of nursing practice?” Eligible articles were read in full, and data were extracted with a standardized instrument. A total of 4,136 records were retrieved; 741 duplicates were excluded, yielding a final sample of 12 studies. The included articles, published in English and Portuguese between 2013 and 2024, originated from North and South America, Asia, Europe, and Africa and encompassed quantitative, qualitative, and mixed-methods designs. The main challenges reported by nurses in caring for children with ASD were gaps in education and training; fragile communication with the child and family; structural and organizational limitations of health systems; insufficient articulation with support networks and multiprofessional teams; sociocultural stigma and barriers; and difficulties in screening and early detection. Nursing care for children with ASD still faces barriers related to professional training, service organization, and social stigma. Overcoming these barriers requires continuous capacity building, strengthened support networks, and investment in public policies that ensure accessible, integrated services—thereby enabling comprehensive, high-quality care that is sensitive to the needs of the child and family.

KEYWORDS: Autism Spectrum Disorder; Child; Nursing Care; Nurse's Role.

DESAFÍOS DE LA ENFERMERÍA EN LA ATENCIÓN A NIÑOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA: REVISIÓN INTEGRATIVA

RESUMEN: El Trastorno del Espectro Autista (TEA) es una condición compleja que afecta la comunicación, la interacción social y el comportamiento. La comprensión

insuficiente y el apoyo inadecuado por parte de los profesionales de enfermería repercuten negativamente en la vida diaria y el bienestar de los niños con TEA y sus familias. La presente revisión tuvo como objetivo Identificar, a partir de la literatura, los principales desafíos enfrentados por los profesionales de enfermería en el cuidado de niños con Trastorno del Espectro Autista. Esta revisión integrativa de la literatura buscó estudios en BDENF, Scopus, Web of Science, EMBASE, LILACS y MEDLINE entre 1990 y 2024. Los descriptores se adaptaron al idioma de cada base y los resultados se exportaron al software Rayyan, eliminándose los duplicados. Se cribaron títulos y resúmenes e incluyeron los estudios que respondían a la pregunta orientadora—formulada con la estrategia PICO—: “¿Cuáles son los desafíos que enfrentan los enfermeros en el cuidado de niños con Trastorno del Espectro Autista en el contexto de la práctica de enfermería?”. Los artículos elegibles se leyeron íntegramente y los datos se extrajeron mediante un instrumento estandarizado. Se recuperaron 4.136 registros; se excluyeron 741 duplicados, con una muestra final de 12 estudios. Los artículos incluidos, publicados en inglés y portugués entre 2013 y 2024, procedían de América del Norte y del Sur, Asia, Europa y África, e incluyeron diseños cuantitativos, cualitativos y mixtos. Los principales desafíos identificados por los enfermeros en el cuidado del niño con TEA fueron: déficits de formación y capacitación; fragilidad en la comunicación con el niño y la familia; limitaciones estructurales y organizativas de los sistemas de salud; articulación insuficiente con redes de apoyo y equipos multiprofesionales; estigmas y barreras socioculturales; y dificultades en el cribado y la detección precoz. El cuidado de enfermería al niño con TEA aún enfrenta barreras relacionadas con la formación profesional, la organización de los servicios y el estigma social. Superarlas exige capacitación continua, fortalecimiento de las redes de apoyo e inversión en políticas públicas que aseguren servicios accesibles e integrados, posibilitando un cuidado integral, de calidad y sensible a las necesidades del niño y su familia.

PALABRAS CLAVE: Trastorno del Espectro Autista; Niño; Cuidados de Enfermería; Rol del Profesional de Enfermería.

1. INTRODUÇÃO

O autismo, também conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA), é uma condição neurobiológica que interfere no desenvolvimento da comunicação, na interação social e no comportamento. Indivíduos com TEA podem apresentar diferentes características, sendo considerado um espectro, o qual indica que os sintomas e o grau de comprometimento variam entre cada pessoa (Lopes, 2020). Tal condição pode impactar a vida diária e o bem-estar das pessoas com TEA, sobretudo crianças, devido à limitada compreensão e aceitação da condição de saúde por parte da sociedade, acompanhado da escassez de recursos e apoio adequados às necessidades de saúde desse grupo social (Salgado *et al.*, 2022; Tedla *et al.*, 2024).

Ao analisar crianças com TEA, podem ser identificados padrões de comportamento característicos do transtorno, como dificuldades na comunicação verbal e não verbal, que incluem atrasos na linguagem, limitações para iniciar ou manter

conversas, uso repetitivo da linguagem e dificuldades em compreender ou expressar emoções, além de obstáculos na interação social, em estabelecer e manter relacionamentos, bem como em reconhecer as emoções alheias e participar de interações sociais recíprocas (Resende; Campos, 2024).

Padrões de comportamentos repetitivos e restritos são indicativos significativos de TEA, pois estereotípias motoras, fixação em rotinas ou interesses específicos são comuns em crianças com TEA, interferindo na flexibilidade e na adaptação a novas situações, como em ambientes escolares (Chaxiong *et al.*, 2022). Também se observam dificuldades sensoriais, já que muitas apresentam sensibilidades aumentadas ou diminuídas, afetando a percepção e a resposta a estímulos como luz, som, texturas e sabores, causando desconforto. A compreensão de diferentes perspectivas, a resolução de problemas e a flexibilidade cognitiva são desafiadoras, devido à rigidez e dificuldade em lidar com mudanças, impactando vínculos com serviços de saúde (Anjos; Morais, 2021; Giovanni; Martins; Souza, 2023).

Há que se ressaltar o compromisso que o enfermeiro estabelece com a atenção integral às crianças com TEA, considerando necessidades físicas, emocionais, sociais e culturais e respeitando os contextos em que esse grupo social está inserido. Diante do protagonismo na oferta de cuidados, o suporte à criança e à família favorece a socialização, aceitação e compreensão do caso novo (Silva; Sandri; Chesani *et al.*, 2024). Ademais, os enfermeiros oferecem orientações e apoio, evidenciando a importância de sua atuação e a necessidade de identificar os desafios enfrentados. Ao proporcionar cuidados holísticos e individualizados, promovem saúde, bem-estar e a qualidade dos serviços, demandando ações formativas contínuas (Moura; Tonon, 2022).

Destaca-se a relevância de ampliar o conhecimento de enfermeiros sobre as demandas de saúde de crianças com TEA, de modo que, a partir do aprendizado, possam desenvolver e aplicar estratégias que qualifiquem o cuidado. Assim, o presente estudo tem como objetivo identificar, a partir da literatura, os principais desafios enfrentados pelo enfermeiro no cuidado à criança com TEA.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, a qual possui uma abordagem metodológica que permite ampliar a concepção de um fenômeno estudado (Whittemore; Knafl, 2005). Para o desenvolvimento desta revisão, foram cumpridas as seguintes etapas:

1) Seleção da questão para revisão; 2) Estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos; 3) Apresentação das características da pesquisa primária; 4) Análise dos dados; 5) Interpretação dos resultados e; 6) Apresentação da revisão e síntese dos resultados (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

Para sistematização e estruturação das buscas nas bases de dados, bem como dos achados, foram utilizadas as recomendações do checklist *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis* (PRISMA) (Page *et al.*, 2021).

Inicialmente, para formulação da questão norteadora, foi utilizado o acrônimo PICO, em que a População de estudo foram crianças entre 6 e 12 anos diagnosticadas com TEA e seus familiares, enquanto o Fenômeno de Interesse contou com os desafios enfrentados pelo enfermeiro no cuidado de crianças diagnosticadas com TEA em qualquer fase profissional, desde a formação até a atuação, e o Contexto abarcou o cuidado de enfermagem direcionado à criança com TEA. Assim, estruturou-se a seguinte pergunta: “Quais são os desafios enfrentados na prática pelos profissionais enfermeiros no cuidado de crianças com TEA?”.

Para o reconhecimento de descritores indexados nas bases de dados, foi realizada uma consulta no *Medical Subject Headings* (MeSH) e nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Os descritores foram adaptados na língua de cada base de dados, utilizando os operadores booleanos “OR” e “AND”. As bases de dados utilizadas foram: Base de Dados em Enfermagem (BDENF), *SciVerse Scopus* (Scopus), Web of Science, *Excerpta Medica Database* (EMBASE), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e MEDLINE (Quadro 1).

Quadro 1: Estratégias de busca de publicações utilizadas para a realização desta revisão integrativa. Maringá, PR, Brasil, 2025.

Base de dados	Vocabulário controlado
Scopus	((TITLE-ABS-KEY (“autism spectrum disorder” OR “autistic disorder”) AND TITLE-ABS-KEY (“child care” OR “disabled children”) AND TITLE-ABS-KEY (“nurses” OR “nurse’s role”))
Web of Science	“Autism Spectrum Disorder” OR “Autistic Disorder” (tópico) AND “Child” OR “Child Care” OR “Disabled Children” (tópico) AND “Nurses” OR “Nurses Role” OR “Nursing Care” (tópico)
Embase	((‘Autism Spectrum Disorder’ OR ‘Autistic Disorder’) AND (Child OR ‘Child Care’ OR ‘Disabled Children’) AND (Nurses OR ‘Nurse’s Role’ OR ‘Nursing Care’))
LILACS	(“Transtorno do Espectro Autista” OR “Transtorno Autístico” OR “Autism Spectrum Disorder” OR “Autistic Disorder”) AND (“Criança”

	OR “Cuidado da criança” OR “Crianças com deficiência” OR “Child” OR “Child Care” OR “Disabled Children”) AND (“Enfermeiros” OR “Papel do Profissional da Enfermagem” OR “Cuidados de Enfermagem” OR “Nurses” OR “Nurse’s Role” OR “Nursing Care”)
MEDLINE	((“autism spectrum disorder”[MeSH Terms] OR “autism spectrum disorder”[All Fields] OR “autistic disorder”[MeSH Terms] OR “autistic”[All Fields] OR “autistic disorder”[All Fields]) AND (“child”[MeSH Terms] OR “child”[All Fields] OR “children”[All Fields] OR “childrens”[All Fields] OR “child care”[MeSH Terms] OR “children with disabilities”[MeSH Terms]OR “children with disabilities”[All Fields]OR “disabled children”[All Fields]) AND (“nurses”[All Fields] OR “nurses”[MeSH Terms] OR (“nurse s role”[MeSH Terms] OR “nursing”[MeSH Subheading] OR “nursing”[All Fields] OR “care”[All Fields] OR “nursing care”[All Fields] OR “nursing care”[MeSH Terms]))
BDENF	((transtorno do espectro autista OR transtorno autistico OR autism spectrum disorder OR autistic disorder) AND (crianca OR cuidado da crianca OR crianças com deficiencia OR child OR child care OR disabled children) AND (enfermeiros OR papel do profissional da enfermagem OR cuidados de enfermagem OR nurses OR nurse’s role OR nursing care))

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos materiais foram artigos publicados em português, inglês e espanhol, sem restrição de local de pesquisa; que retratassem a temática referente à revisão integrativa, com recorte temporal entre os anos de 1990 e 2024, bem como estudos qualitativos ou quantitativos. Foram excluídos estudos de revisão. Destaca-se que todos os artigos pertinentes aos critérios de inclusão foram considerados para leitura na íntegra, inclusive aqueles indisponíveis online, que foram solicitados aos respectivos autores, sem retorno das solicitações.

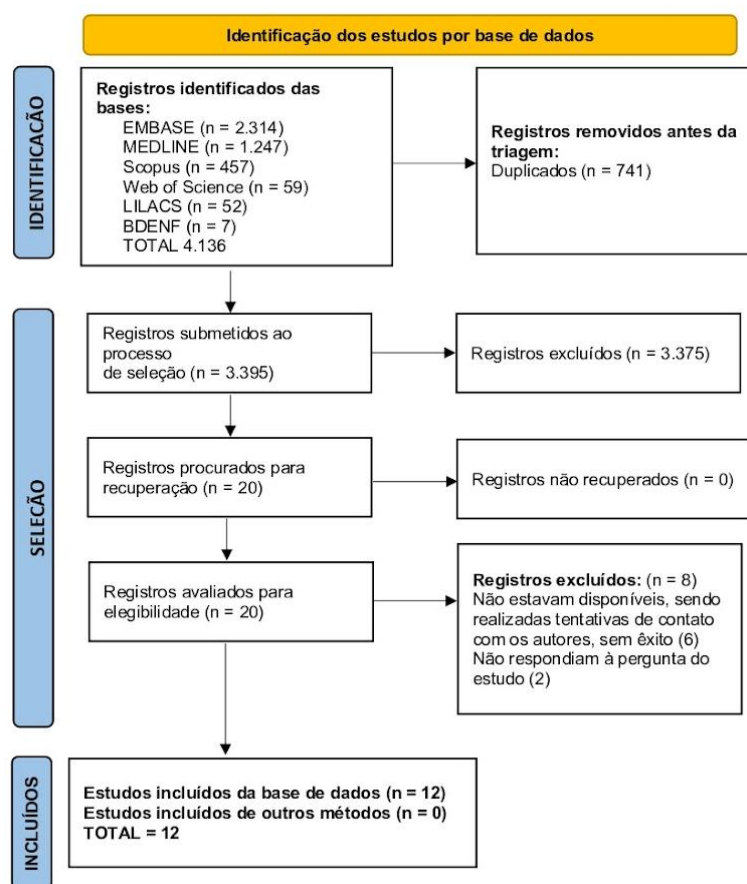
Após a busca dos materiais em junho de 2025 e estabelecimento dos critérios de seleção, os estudos recuperados foram exportados para o software Rayyan QCRI da *Qatar Computing Research Institute*, sendo excluídos aqueles duplicados. A seguir, foram lidos os títulos e os resumos por dois revisores independentes e aqueles que respondiam à questão norteadora foram analisados na íntegra para extração de dados por meio de instrumentos padronizados e sugeridos pelo *The Joanna Briggs Institute*.

3. RESULTADOS

Foram encontradas 4.136 publicações entre os anos de 1990 e 2024 nas seis bases de dados consultadas. Desse total, 7 publicações (0,2%) foram identificadas na BDENF, 457 (11,0%) na Scopus, 59 (1,4%) na Web of Science, 2.314 (55,9%) na EMBASE, 52

(1,3%) na LILACS e 1.247 (30,1%) na MEDLINE, com maior concentração de registros na EMBASE e na MEDLINE, o que sugere maior visibilidade do tema em bases internacionais da área da saúde. Dentre os 4.136 registros, 741 foram excluídos por duplicação. Em seguida, 3.395 títulos e resumos foram lidos para avaliação quanto à inclusão na presente revisão, dos quais 20 foram considerados para leitura na íntegra. Destaca-se que, dentre esses, cinco não puderam ser analisados por não estarem disponíveis, sendo realizadas tentativas de contato com os autores, sem êxito, motivo pelo qual foram excluídos. Por fim, 12 artigos foram incluídos para extração dos dados e síntese narrativa (Figura 1).

Os artigos incluídos na revisão foram publicados em inglês, português e em versão bilíngue (português/inglês), entre os anos de 2013, 2016, 2018, 2019, 2021, 2022, 2023 e 2024. Observa-se, portanto, que a produção científica sobre os desafios do enfermeiro no cuidado à criança com TEA é relativamente recente, com incremento de publicações especialmente a partir de 2018, indicando maior visibilidade do tema na última década. Em relação à procedência, um estudo foi conduzido na América do Norte, seis na América do Sul, três na Ásia, um na Europa e um na África, evidenciando predominância de investigações em países sul-americanos, sobretudo no Brasil, e menor representatividade em alguns continentes, o que aponta para possíveis lacunas regionais de pesquisa sobre a temática.



Fonte: Adaptado de Page, et al. (2021)

*Scopus = SciVerse Scopus; Embase = Excerpta Medica Database;

Figura 1: Fluxograma das etapas seguidas para a seleção dos artigos incluídos nesta revisão integrativa. Maringá, PR, Brasil, 2025.

Quanto ao delineamento metodológico, sete estudos apresentaram abordagem qualitativa, caracterizados como pesquisas descritivas e/ou exploratórias; quatro foram quantitativos, com delineamento transversal; e um estudo foi classificado como de abordagem mista (Quadro 2). Esse predomínio de estudos qualitativos sugere maior interesse em compreender significados, percepções e experiências de enfermeiros e famílias frente ao cuidado da criança com TEA, enquanto o número reduzido de pesquisas quantitativas e mistas indica oportunidade para investigações que produzam indicadores mensuráveis e comparáveis entre diferentes contextos de atenção à saúde.

Quadro 2: Descrição dos artigos incluídos na revisão integrativa sobre os desafios enfrentados pelo enfermeiro no cuidado de crianças com TEA e seus familiares, no contexto da prática de enfermagem. Maringá, PR, Brasil, 2025.

Autores	Periódico	Ano de publicação	País	Delineamento do estudo	Objetivo
Herr JAG, Higashi P, Luz LDP, Souza IF, Martins RAS, Silva RMM	Revista de Enfermagem da UFSM	2024	Brasil	Qualitativa	Compreender a percepção dos enfermeiros sobre os desafios experienciados no cuidado com as famílias de crianças com transtorno do espectro autista na Atenção Primária.
Alyousef, Seham Mansour; Alhamidi, Sami Abdulrahman	SAGE Journals	2024	Arábia Saudita	Qualitativa	Destacar a perspectiva de enfermeiros de saúde mental atuantes na Arábia Saudita em relação às suas experiências no cuidado de clientes que têm esse transtorno.
Jerônimo TG, Mazzaia MC, Viana JM, Chistofolini DM	ACTA Paulista de Enfermagem	2023	Brasil	Qualitativa	Apreender a representação de Enfermeiros(as) sobre a assistência a crianças/adolescentes com Transtorno de Espectro Autista nos Centros de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil.
Tanelian, D; Aharon, AA; Mazor, Z; Slobodin, O	Nursing Open, Reino Unido	2022	Israel	Quantitativa	Investigar as percepções dos enfermeiros pediátricos sobre os cuidados com crianças com Transtorno do Espectro Autista e identificar estratégias utilizadas para atender às suas necessidades específicas durante o atendimento hospitalar.
Soeltl <i>et al.</i>	ABCS HEALTH SCIENCES	2021	Brasil	Qualitativa	Analisar, com base nos princípios abordados na Teoria do Cuidado Humano, o conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos Transtorno do Espectro Autista e a abordagem do tema durante a formação profissional.
Keklik D, Nazik E	Perspectives in Psychiatric Care - Wiley Periodicals LLC	2021	Turquia	Misto	Determinar o nível de conhecimento que os enfermeiros possuem sobre autismo infantil.
Owusu WA; Ahiedeke M; Quarshie FE	International Journal of Caring Sciences	2021	Gana	Quantitativa	Comparar o conhecimento sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA) entre enfermeiros

					pediátricos e enfermeiros psiquiátricos que atuam em hospitais públicos na cidade de Kumasi, em Gana.
Oliveira ACA, Morais RCM, Franzoi MAH	Revista Baiana de Enfermagem	2019	Brasil	Qualitativa	Analisar as percepções e os desafios da equipe de enfermagem relacionados à assistência voltada a crianças hospitalizadas com Transtornos do Espectro do Autismo.
Corsano, P, Cinotti, M, Guidotti, L.	Journal of Child Health Care	2019	Itália	Quantitativa	Investigar o conhecimento de enfermeiros pediátricos sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sua experiência com crianças com TEA.
Nascimento, YCML; Castro, CSC; Lima, JLR; Albuquerque, MCS; Bezerra DG	Revista Baiana de Enfermagem	2018	Brasil	Qualitativa	Identificar a atuação do enfermeiro da Estratégia Saúde da Família na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista em crianças.
Franzoi, MAH; Santos, JLG; Backes, VMS; Ramos, FRS	Texto & Contexto – Enfermagem	2016	Brasil	Qualitativa	Analisar a contribuição da intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem para crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em um Centro de Atenção Psicossocial.
Will, D; Barnfather, J; Lesley, M	The Journal for Nurse Practitioners – JNP	2013	Estados Unidos da América	Quantitativa	Avaliar a competência autopercebida em relação ao autismo entre enfermeiros da atenção primária.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Na análise dos periódicos e cenários de realização dos estudos, verifica-se forte presença de revistas da área de enfermagem e contextos de atenção primária, serviços especializados em saúde mental e centros de atenção psicossocial infantojuvenil. Esse padrão evidencia que o tema tem sido discutido principalmente no campo da enfermagem e no âmbito dos serviços públicos de saúde, com menor presença de estudos em contextos escolares, comunitários ou em serviços privados, o que reforça a necessidade de ampliar o olhar intersetorial sobre o cuidado à criança com TEA e sua família.

Diante dos achados, os artigos foram organizados e considerados para agrupamento quando identificados em mais de um estudo. Assim, foram estabelecidos cinco eixos de discussão: Déficit na Formação e Capacitação Profissional; Fragilidade na

Comunicação com a Criança e Família; Limitações Estruturais e Organizacionais do Sistema de Saúde; Articulação Insuficiente com Rede de Apoio e Equipe Multiprofissional; e Estigmas e Barreiras Socioculturais.

4. DISCUSSÃO

Os estudos apontaram cinco eixos principais, que foram discutidos de forma integrada, relacionando os achados dos artigos analisados com a literatura científica disponível e destacando a descrição dos resultados, tendências, lacunas e implicações para o cuidado integral da criança com TEA.

4.1 Déficit na Formação e Capacitação Profissional

A deficiência na formação acadêmica e na oferta de capacitação continuada para enfermeiros representa um desafio recorrente. Esse déficit na formação reflete um problema estrutural presente em diversas áreas da enfermagem, especialmente no cuidado à criança com TEA, em que a complexidade das demandas exige preparo técnico, comunicacional e emocional (Araújo, 2024; Pereira; Silva; Cabral, 2024).

A ausência de ações formativas nos serviços de saúde constitui um desafio para os enfermeiros, considerando que o desenvolvimento de competências e atitudes ocorre, em grande parte, pela prática cotidiana, sem o respaldo de um processo estruturado de ensino-aprendizagem sobre a temática ou da apresentação de diferentes modelos de cuidado direcionados às necessidades de crianças com TEA (Owusu; Ahiedeke; Quarshie, 2021; Soeltl *et al.*, 2021; Jerônimo *et al.*, 2023; Alyousef; Alhamidi, 2024; Silva *et al.*, 2024).

À luz desses achados, observa-se que a insuficiência formativa impacta diretamente a detecção precoce de sinais sugestivos de TEA, a capacidade de articular ações intersetoriais e a qualidade da educação em saúde voltada às famílias (Soeltl *et al.*, 2021; Jerônimo *et al.*, 2023; Araújo, 2024).

Quando o enfermeiro não se sente preparado, tende a postergar encaminhamentos, evita abordar o tema com a família ou limita sua atuação a condutas pontuais, o que contribui para atrasos diagnósticos e fragiliza o acompanhamento longitudinal (Owusu; Ahiedeke; Quarshie, 2021; Alyousef; Alhamidi, 2024; Silva *et al.*, 2024).

Nesse sentido, os estudos analisados indicam a necessidade de que a temática do TEA seja incorporada de forma transversal na graduação em enfermagem e nas ações de

educação permanente, com ênfase em protocolos de rastreio, estratégias de comunicação com a família e construção de planos de cuidado compartilhados, favorecendo o protagonismo da enfermagem na identificação precoce, na coordenação do cuidado e no apoio continuado à criança com TEA e sua família (Jerônimo *et al.*, 2023; Pereira; Silva; Cabral, 2024; Silva *et al.*, 2024).

A educação em saúde, desde a graduação até a educação continuada, deve ser orientada pela integralidade e por ações formativas que articulem conhecimentos, atitudes e práticas para lidar com situações complexas e singulares, como o cuidado à criança com TEA e sua família (Silva; Sena, 2008; Franzoi *et al.*, 2016; Oliveira; Morais; Franzoi, 2019; Keklik; Nazik, 2021). Nesse sentido, a inserção de graduandos em serviços que integrem teoria e prática, com foco na identificação precoce de sinais de TEA, na comunicação com a família e na articulação com outros setores, favorece o desenvolvimento de competências para um cuidado mais resolutivo e inclusivo a esse grupo social (Franzoi *et al.*, 2016; Oliveira; Morais; Franzoi, 2019; Keklik; Nazik, 2021).

A ausência de conteúdos direcionados ao TEA durante a formação repercute negativamente na comunicação com a família, na detecção precoce de problemas enfrentados no cotidiano da pessoa com TEA e na articulação dos enfermeiros com outros pontos de atenção em saúde (Corsano; Cinotti; Guidotti, 2019; Alyousef; Alhamidi, 2024; Herr *et al.*, 2024). Diante da necessidade de profissionais capacitados para lidar com situações desafiadoras nesse cenário, a literatura destaca a importância de implementar e reformular a grade curricular nas universidades, de modo que o cuidado da criança com TEA e sua família seja abordado como temática relevante e transversal na formação em saúde (Ceccim; Feuerwerker, 2004; Corsano; Cinotti; Guidotti, 2019; Alyousef; Alhamidi, 2024; Herr *et al.*, 2024).

Esses achados reforçam a necessidade de incluir, na grade curricular dos cursos de enfermagem, conteúdos específicos sobre o cuidado de crianças e adolescentes com TEA e suas famílias, articulando-os à integralidade e ao trabalho em rede. Além disso, aponta-se a importância de expandir essa temática para ações formativas voltadas a profissionais já inseridos nos serviços, contribuindo para a superação de lacunas na construção do conhecimento e para a efetivação de políticas públicas direcionadas às pessoas com TEA.

4.2 Fragilidade na Comunicação com a Criança e Família

A comunicação constitui elemento essencial para a qualidade do cuidado, configurando-se como tecnologia leve que favorece a criação de vínculos, a oferta de orientações e o esclarecimento de dúvidas (Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, 2019). No contexto do TEA, contudo, emergem fragilidades relacionadas tanto à formação insuficiente dos profissionais de enfermagem quanto a barreiras emocionais, culturais e estruturais presentes nos serviços, o que dificulta o diálogo com a criança e seus familiares (Lima; Tavares, 2020).

Esses limites repercutem na compreensão do diagnóstico precoce do TEA, na adesão ao plano terapêutico e no manejo das demandas do cotidiano, especialmente quando não há espaço para escuta qualificada e acolhimento das dúvidas e angústias da família (Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, 2019; Lima; Tavares, 2020). A literatura aponta que a adoção de estratégias de comunicação clara, empática e contínua com os familiares de crianças com TEA, pautada na construção compartilhada do plano terapêutico, contribui para alinhamento de expectativas, fortalecimento do vínculo e melhores resultados no desenvolvimento infantil (Jerônimo *et al.*, 2023).

Em convergência com esses achados, observa-se que a comunicação com familiares de crianças com TEA é frequentemente marcada pelo uso excessivo de linguagem técnica, o que dificulta a compreensão das orientações, fragiliza a tomada de decisão compartilhada e desconsidera expressões e sentimentos manifestos durante as consultas de enfermagem (Will; Barnfather; Lesley, 2013; Almeida, 2019; Oliveira; Morais; Franzoi, 2019; Soeltl, 2021). Além disso, a ausência de estratégias lúdicas adaptadas ao TEA, como o uso da música e de recursos visuais estruturados, tende a reduzir a participação ativa da criança e da família no cuidado, aumentando medo, resistência e sofrimento diante das intervenções propostas (Costa, 2021).

Como alternativa, enfermeiros podem utilizar intervenções musicais e outras estratégias lúdicas, que favorecem a comunicação verbal e não verbal, a quebra do isolamento, a redução de estereotípias e o estímulo à autoexpressão e à manifestação da subjetividade da criança (Franzoi *et al.*, 2016; Corsano; Cinotti; Guidotti, 2019; Tanelian *et al.*, 2022).

Nessa perspectiva, o silêncio ou a comunicação impessoal tendem a aumentar a ansiedade familiar e a sensação de desamparo, enquanto a adoção de uma comunicação estratégica, baseada no acolhimento, na empatia e na escuta ativa, contribui para o

fortalecimento do vínculo e para maior adesão ao tratamento (Soares, 2022). Articulada a essas ações, a educação em saúde dirigida ao indivíduo, à família e à comunidade configura-se como estratégia central para a redução de estigmas e o fortalecimento da conscientização social sobre o TEA (Alyousef; Alhamidi, 2024).

Assim, fica evidente que as fragilidades na comunicação entre o profissional de enfermagem, a criança e a família não se relacionam apenas a aspectos individuais, mas também à falta de ações formativas que desenvolvam habilidades comunicacionais específicas para o cuidado de pessoas com TEA. A ausência de suporte institucional para práticas humanizadas e centradas na família também deve ser considerada, uma vez que condições de trabalho precárias e ausência de protocolos de cuidado limitam o uso da comunicação como ferramenta para construção de planos terapêuticos compartilhados e para a promoção do desenvolvimento da criança com TEA.

4.3 Limitações Estruturais e Organizacionais dos Sistemas de Saúde

As limitações estruturais e organizacionais do sistema de saúde configuram barreiras significativas para a efetivação do cuidado integral e humanizado. A escassez de recursos materiais, a superlotação dos serviços, a falta de profissionais capacitados e a burocratização do atendimento comprometem a resolutividade das ações, sobretudo no cuidado a crianças com TEA e suas famílias, cuja atenção demanda tempo, ambiente adaptado e articulação em rede (Mendes, 2018; Herr *et al.*, 2024).

Esses fatores geram atrasos em consultas, exames e encaminhamentos, impactando diretamente a triagem, o diagnóstico precoce e a continuidade da assistência às pessoas com TEA (Zanon; Backes; Bosa, 2018). Além disso, o modelo de gestão centrado em demandas imediatistas, somado à insuficiente articulação entre os níveis de atenção, enfraquece a integralidade do cuidado nos serviços de saúde, dificultando ações intersetoriais, bem como o acompanhamento longitudinal desse grupo social (Oliveira; Morais; Franzoi, 2019; Almeida; Martins, 2021).

A estrutura limitada das unidades que atendem crianças com TEA também implica sobrecarga para os enfermeiros e evidencia a necessidade de organizar os serviços com fluxos e protocolos bem definidos, uma vez que essas crianças frequentemente demandam atendimento especializado e adaptações no processo de cuidado (Will; Barnfather; Lesley, 2013; Tanelian *et al.*, 2022). Nesse contexto, torna-se essencial a articulação eficaz entre os diferentes pontos de atenção e a atuação integrada de equipe

multidisciplinar, de modo a ampliar a resolatividade e reduzir as barreiras de acesso enfrentadas por crianças com TEA e suas famílias (Alyousef; Alhamidi, 2024; Herr *et al.*, 2024).

Essas fragilidades evidenciam a distância entre as diretrizes propostas pelas políticas públicas de saúde, nos diferentes contextos em que os estudos foram conduzidos, e a realidade cotidiana dos serviços, em que faltam condições concretas para a operacionalização do cuidado integral às crianças com TEA. Nessa perspectiva, a implementação de ações e estratégias específicas para esse grupo social é dificultada pela ausência de financiamento adequado, pela falta de apoio institucional à reorganização dos processos de trabalho e pela escassez de recursos que viabilizem o acolhimento qualificado de crianças e familiares.

Diante desse cenário, a superação das limitações estruturais e organizacionais exige investimentos em recursos direcionados ao TEA, tanto materiais quanto humanos, bem como o aprimoramento da gestão dos serviços, com definição de fluxos, protocolos e espaços de educação permanente em saúde. A partir dessas reflexões, torna-se possível fomentar discussões institucionais e intersetoriais voltadas à redução das fragilidades no atendimento, de modo a garantir acolhimento, continuidade e maior resolatividade no cuidado à criança com TEA e sua família (Carvalho, 2022; Herr *et al.*, 2024).

4.4 Articulação Insuficiente com Rede de Apoio, a Equipe Multiprofissional e os Serviços de Saúde

A articulação insuficiente entre a rede de apoio, os diferentes serviços de saúde e o trabalho multiprofissional configura-se como desafio importante para enfermeiros que atuam no cuidado à criança com TEA. Em diversos contextos assistenciais, observa-se que as famílias frequentemente dispõem de apoio limitado e vivenciam sentimentos de insegurança, estresse e ansiedade diante das demandas do TEA, o que aumenta a sobrecarga e fragiliza o enfrentamento cotidiano (Herr *et al.*, 2024).

Situações de maior complexidade demandam não apenas a participação de equipe multiprofissional, composta por enfermeiros, médicos, psicólogos, assistentes sociais, fonoaudiólogos e outros profissionais, mas também o envolvimento de serviços sociais e escolas, de forma integrada (Martins *et al.*, 2019; Jerônimo *et al.*, 2023). Para que haja melhor articulação, as redes de suporte social e de saúde precisam se complementar, evitando que as demandas recaiam exclusivamente sobre as famílias, que muitas vezes

não dispõem de recursos e preparo para lidar sozinhas com o cuidado da criança com TEA (Martins, 2019; Alyousef; Alhamidi, 2024; Herr *et al.*, 2024).

Para minimizar essas situações, o enfermeiro deve conhecer o território em que atua e mapear os recursos disponíveis na comunidade, compreendendo como as instituições sociais e educacionais podem contribuir para a construção do conhecimento sobre o TEA junto às famílias e responsáveis por meio da educação em saúde familiar (Ceccim; Feuerwerker, 2004; Silva; Sena, 2008; Martins *et al.*, 2019; Martins, 2019). Esse entendimento favorece a articulação contínua com outros profissionais e serviços da rede de saúde e assistência social, evitando trajetórias fragmentadas e desnecessárias entre diferentes pontos de atenção e qualificando o cuidado ofertado à criança com TEA e sua família (Martins *et al.*, 2019; Jerônimo *et al.*, 2023; Alyousef; Alhamidi, 2024; Herr *et al.*, 2024).

4.5 Estigmas e Barreiras Socioculturais

O TEA ainda é cercado por estigmas e preconceitos sociais que impactam diretamente o cuidado da criança e o suporte oferecido à família. O desconhecimento da sociedade sobre o transtorno favorece a construção de estereótipos de que essas crianças seriam “mal-educadas”, “agressivas” ou “incapazes”, o que se traduz em discriminação em espaços públicos e escolares e gera sofrimento para as famílias (Nunes; Azevedo, 2019). Essas representações negativas contribuem para o isolamento social, dificultam o acesso a serviços de saúde e tendem a desestimular a busca por apoio especializado, reforçando um ciclo de exclusão que repercute na qualidade de vida da criança com TEA e de seus cuidadores.

No entanto, essas barreiras culturais e comunicacionais também se manifestam na relação entre profissionais de saúde e familiares, uma vez que muitos cuidadores referem sentir-se julgados ou responsabilizados pelo comportamento da criança, o que fragiliza o vínculo de confiança com a equipe e dificulta o compartilhamento de dúvidas e necessidades (Morais, 2020).

A educação em saúde, transversal aos diferentes eixos discutidos nesta revisão, configura-se como estratégia central para o enfrentamento dos estigmas, ao favorecer a construção coletiva de conhecimento acerca do TEA com famílias, comunidade e profissionais, repercutindo na qualificação da assistência e no fortalecimento da rede de apoio (Oliveira; Moraes; Franzoi, 2019; Keklik; Nazik, 2021; Alyousef; Alhamidi, 2024).

Além disso, a falta de preparo dos profissionais para lidar com a diversidade cultural das famílias e para utilizar abordagens comunicacionais adaptadas ao TEA contribui para a manutenção de desigualdades no cuidado, uma vez que nem todas as crianças e cuidadores são acolhidos a partir de suas especificidades e contextos de vida (Oliveira; Moraes; Franzoi, 2019; Keklik; Nazik, 2021; Silva; Souza, 2021). Somam-se a isso fatores socioeconômicos, pois famílias com menor renda ou escolaridade enfrentam maiores dificuldades para obter diagnóstico precoce e acessar terapias especializadas, o que reforça um ciclo de vulnerabilidade social e limita as possibilidades de inclusão e desenvolvimento da criança com TEA (Silva; Souza, 2021).

Em diferentes contextos, o estigma reproduzido pelos próprios familiares também pode se constituir em barreira na relação entre o enfermeiro e a criança com TEA, especialmente quando crenças sociais dificultam a compreensão ou a aceitação do diagnóstico e do processo de reabilitação (Nascimento *et al.*, 2018).

Nesse sentido, a promoção da inclusão escolar, a formação de profissionais em práticas baseadas no respeito à diversidade e o fortalecimento das redes de apoio social e comunitário configuram medidas fundamentais para minimizar obstáculos socioculturais e estigmas, contribuindo para a garantia de direitos e para a construção de ambientes mais acolhedores para a criança com TEA e sua família (Pereira, 2022).

Limitações

As principais limitações desta revisão dizem respeito ao processo de seleção e abrangência dos estudos incluídos, tendo em vista o universo inicial de materiais encontrados sobre a temática. Apesar da busca ampla em diferentes bases de dados, houve exclusão de artigos que não houve resposta por parte dos autores, o que pode ter reduzido a diversidade de perspectivas e evidências analisadas. Observa-se também heterogeneidade metodológica e regional entre os artigos, dificultando comparações diretas e a generalização dos resultados. Essas restrições apontam a necessidade de futuras revisões mais abrangentes e sistemáticas em diferentes contextos.

5. CONCLUSÃO

O cuidado prestado pelo enfermeiro à criança com TEA ainda enfrenta múltiplos desafios, que se expressam tanto nas fragilidades da formação profissional quanto nas limitações estruturais e organizacionais dos serviços de saúde. Somam-se a isso a

articulação insuficiente com a rede de apoio e com a equipe multiprofissional, a presença de estigmas e barreiras socioculturais e as dificuldades relacionadas à triagem e à detecção precoce dos casos novos, fatores que impactam diretamente a qualidade da assistência a esse grupo social e suas famílias.

Tais barreiras podem ser superadas não apenas por meio de ações formativas em enfermagem, mas também por investimentos em políticas públicas que garantam serviços acessíveis, integrados e sensíveis às especificidades de cada criança e de seu contexto familiar. Destacam-se, como recomendações práticas, a inserção de conteúdos específicos sobre TEA nos currículos de graduação e programas de residência em enfermagem, a oferta de capacitações interdisciplinares permanentes para equipes que atuam na atenção à saúde da criança, e a elaboração e implementação de protocolos assistenciais e linhas de cuidado que orientem a triagem, o encaminhamento e o acompanhamento longitudinal de crianças com TEA.

O avanço no cuidado à criança com TEA depende, portanto, de uma abordagem multifatorial, que envolva qualificação profissional, reorganização dos serviços, fortalecimento da equipe multiprofissional, articulação intersetorial e valorização das singularidades da criança e de sua família. Recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem a avaliação de intervenções educativas, a efetividade de protocolos de cuidado e o impacto de estratégias de educação em saúde familiar e comunitária, de modo a subsidiar práticas de enfermagem cada vez mais resolutivas, inclusivas e comprometidas com a redução das desigualdades no cuidado à criança com TEA.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. C.; MARTINS, C. B. Organização do sistema de saúde e seus impactos no cuidado integral: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, n. 5, e20201234, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-1234>.

ALMEIDA, L. M. *et al.* Comunicação do enfermeiro com a família da criança hospitalizada: desafios e possibilidades. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 53, e03487, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018001203487>.

ALYOUSEF, S. M.; ALHAMIDI, S. A. Perspectivas de enfermeiros psiquiátricos e de saúde mental sobre o cuidado de pacientes com transtornos de autismo. **SAGE Journals**, 2024. Disponível em: <https://journals.sagepub.com>.

ANJOS, B. B.; MORAIS, N. A. de. As experiências de famílias com filhos autistas: uma revisão integrativa da literatura. **Ciencias Psicológicas**, v. 15, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22235/cp.v15i1.2347>. Acesso em: 29 ago. 2025.

ARAÚJO, I. D. *et al.* Atuação do enfermeiro no cuidado à criança com Transtorno do Espectro Autista: revisão integrativa. **Revista F&T**, v. 28, n. 139, 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/atuacao-do-enfermeiro-no-cuidado-a-crianca-com-transtorno-do-espectro-autista-revisao-integrativa/>. Acesso em: 29 ago. 2025.

CARVALHO, F. R. *et al.* Política Nacional de Humanização e os desafios de sua implementação nos serviços de saúde. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, e220152, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.220152>.

CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 41-65, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312004000100004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/cQ4D7zQr4vKk8djQYz5bdQz/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **Data and statistics on autism spectrum disorder**. Atlanta: CDC, 2025. Disponível em: <https://www.cdc.gov/autism/data-research/index.html>. Acesso em: 28 ago. 2025.

CHAXIONG, P.; BURROWS, C.; BOTTERON, K. N.; *et al.* Relations of restricted and repetitive behaviors to social skills in toddlers with autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 52, p. 1423-1434, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-021-05014-8>.

CORSANO, P.; CINOTTI, M.; GUIDOTTI, L. Pediatric nurses' knowledge and experience with autism spectrum disorders: an Italian survey. **Journal of Child Health Care**, v. 23, n. 3, p. 371-386, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/1367493518788376>.

COSTA, T. S. *et al.* Estratégias de comunicação da equipe de enfermagem com crianças hospitalizadas: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, n. 2, e20200703, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0703>.

FRANZOI, M. A. H.; SANTOS, J. L. G.; BACKES, V. M. S.; RAMOS, F. R. S. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 25, n. 3, e2430015, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/Kw4TxJztGyqvLqJZdSqQgYp/?lang=pt>.

GIOVANNI, L.; MARTINS, R.; SOUZA, C. Cognitive flexibility and executive functioning in children with autism spectrum disorder: a systematic review. **Research in Autism Spectrum Disorders**, v. 101, p. 101112, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2023.101112>. Acesso em: 28 ago. 2025.

HERR, J. A. G.; HIGASHI, P.; LUZ, L. D. P.; SOUZA, I. F.; MARTINS, R. A. S.; SILVA, R. M. M. Perception of primary care nurses regarding the care for families of children with autism spectrum disorder. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 14, e14, 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022: Pessoas com deficiência e pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista – Resultados preliminares da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43464-censo-2022-identifica-2-4-milhoes-de-pessoas-diagnosticadas-com-autismo-no-brasil>. Acesso em: 28 ago. 2025.

JERÔNIMO, T. G.; MAZZAIA, M. C.; VIANA, J. M.; CHISTOFOLINI, D. M. Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 36, eAPE030832, 2023.

KEKLIK, D.; NAZIK, E. Knowledge about childhood autism among nurses in Turkey: a cross-sectional descriptive study. **Perspectives in Psychiatric Care**, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/ppc.12789>.

KLODA, L. A.; BORUFF, J. T.; CAVALCANTE, A. S. A. A comparison of patient, intervention, comparison, outcome (PICO) to a new, alternative clinical question framework for search skills, search results, and self-efficacy: a randomized controlled trial. **Journal of the Medical Library Association**, v. 108, n. 2, p. 185-194, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5195/jmla.2020.739>.

LIMA, T. O.; TAVARES, C. M. As competências socioemocionais na formação do enfermeiro: um estudo sociopoético. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, [s. l.], n. spe7, 2020. Disponível em: http://www.scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602020000300011. Acesso em: 28 ago. 2025.

LOPES, C. O. **Transtorno do espectro autista: um estudo bibliográfico sobre a evolução do conceito e as estratégias de inclusão propostas no período de 1996 a 2020**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/14652>. Acesso em: 28 ago. 2025.

MARTINS, C. P. *et al.* Rede de apoio social e familiar no cuidado de crianças com necessidades especiais de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 10, p. 3737-3746, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182410.30162019>.

MENDES, E. V. *et al.* As redes de atenção à saúde no SUS. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 6, p. 1791-1799, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.05522018>.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008.

MORAIS, D. C. *et al.* Desafios enfrentados por familiares de crianças com autismo no acesso à saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 41, e20190342, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190342>.

MOURA, V. M.; TONON, T. C. A. O papel do enfermeiro na assistência a crianças com transtorno do espectro autista. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 11, p. e37551131151, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/37551/31151/411172>. Acesso em: 28 ago. 2025.

NASCIMENTO, Y. C. M. L.; CASTRO, C. S. C.; LIMA, J. L. R.; ALBUQUERQUE, M. C. S.; BEZERRA, D. G. Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, e25425, 2018.

NOGUEIRA, M.; RODRIGUES, A. apud SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE DO DISTRITO FEDERAL. **Protocolo de comunicação eficaz na atenção à saúde**. Brasília: SES-DF, 2019.

NUNES, D. R. P.; AZEVEDO, R. C. S. Estigma e preconceito em relação à criança com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, n. 1, p. 67-82, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-65382519000100005>.

OLIVEIRA, A. C. A.; MORAIS, R. C. M.; FRANZOI, M. A. H. Percepções e desafios da equipe de enfermagem frente à hospitalização de crianças com transtornos autísticos. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 33, e28300, 2019.

OWUSU, W. A.; AHIEDEKE, M.; QUARSHIE, F. E. Comparative study on knowledge about Autism Spectrum Disorder among pediatric and psychiatric nurses in public hospitals in Kumasi, Ghana. **International Journal of Caring Sciences**, v. 14, n. 3, p. 1613-1623, 2021.

PAGE, M. J. *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ**, v. 372, n. 71, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>.

PEREIRA, F. M. *et al.* Inclusão e redes de apoio no cuidado à criança com TEA: uma análise intersetorial. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, e220071, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.220071>.

PEREIRA, T. N. S.; SILVA, C. C. B. da; CABRAL, S. A. M. Ações de enfermagem ao paciente com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Revista Acadêmica Saúde e Educação**, v. 3, n. 2, 2024. Disponível em:

<https://revistaacademica.falog.com.br/index.php/falog/article/view/208>. Acesso em: 29 ago. 2025.

RESENDE, S. D.; CAMPOS, S. M. Transtorno do Espectro Autista: diagnóstico e intervenção psicopedagógica clínica. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 41, n. 125, maio/ago. 2024. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862024000200350. Acesso em: 28 ago. 2025.

SALGADO, N. D. M.; PANTOJA, J. C.; VIANA, R. P. F.; PEREIRA, R. G. V. Autism spectrum disorder in children: a systematic review of the increasing incidence and diagnosis. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, p. e512111335748, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i13.35748>.

SANTOS, L. M.; MERHY, E. E. Redes de atenção à saúde e integralidade do cuidado: desafios para a prática. **Saúde em Debate**, v. 44, n. 126, p. 263-276, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202012600>.

SILVA, A. P.; SOUZA, L. B. Desigualdades sociais no diagnóstico e tratamento do Transtorno do Espectro Autista: revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 10, p. 4129-4138, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.21682021>.

SILVA, K. L.; SENA, R. R. Integralidade do cuidado na saúde: indicações a partir da formação do enfermeiro. **Informação em Saúde**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 42-49, 2008. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/is_digital/is_0208/pdfs/IS28%282%29042.pdf. Acesso em: 29 ago. 2025.

SILVA, L. M. F.; SANDRI, J. V. A.; CHESANI, F. H.; BOSSARDI, C. N.; GOUVEA, P. B. Nursing care and identifying responsibility for people with autism spectrum disorder. **Revista Recien – Revista de Enfermagem Contemporânea**, v. 13, e5587, 2024. DOI: <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.2024.e5587>.

SOARES, D. S. *et al.* Acolhimento e escuta ativa como ferramentas de humanização no cuidado de enfermagem à criança e família. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 26, e20220045, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2022-0045>.

SOELTL, J. *et al.* O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. **ABCS Health Sciences**, v. 46, e021206, 2021.

TANELIAN, D.; AHARON, A. A.; MAZOR, Z.; SLOBODIN, O. Nursing care for pediatric patients with autism spectrum disorders: a cross-sectional survey on perceptions and strategies. **Nursing Open**, v. 9, n. 2, p. 1107-1116, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1002/nop2.1124>.

TEDLA, J. S.; ASIRI, F.; REDDY, R. S.; *et al.* Assessing the quality of life in children with autism spectrum disorder: a cross-sectional study of contributing factors. **Frontiers in Psychiatry**, v. 15, 1507856, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2024.1507856>.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x>.

WILL, D.; BARNFATHER, J.; LESLEY, M. Self-perceived autism competency of primary care nurse practitioners. **The Journal for Nurse Practitioners**, v. 9, n. 6, p. 350-355, jun. 2013. Disponível em: [https://www.npjjournal.org/article/S1555-4155\(13\)00107-4/pdf](https://www.npjjournal.org/article/S1555-4155(13)00107-4/pdf). Acesso em: [data do acesso].

ZANON, R. B.; BACKES, B.; BOSA, C. A. Identificação precoce de sinais de autismo por profissionais da atenção básica: revisão integrativa. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 36, n. 2, p. 221-229, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2018/36/2/00004>.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Pedro Augusto Bossonario: Contribuiu em todas as etapas do estudo desde a concepção, coleta de dados, análise e interpretação/discussão dos dados e revisão final do manuscrito.

Ana Paula dos Santos Serrano: Contribuiu em todas as etapas do estudo desde a concepção, coleta de dados, análise e interpretação/discussão dos dados e revisão final do manuscrito.

Márcia Paola Camacho Gualberto: Contribuiu em todas as etapas do estudo desde a concepção, coleta de dados, análise e interpretação/discussão dos dados e revisão final do manuscrito.

Maria de Fátima Garcia Lopes Merino: Contribuiu na interpretação /discussão dos dados e revisão final com participação crítica e intelectual no manuscrito.

Marcela Demitto Furtado: Contribuiu na interpretação /discussão dos dados e revisão final com participação crítica e intelectual no manuscrito.

Mayckel da Silva Barreto: Contribuiu na interpretação /discussão dos dados e revisão final com participação crítica e intelectual no manuscrito.

Gabriel Zanin Sanguino: Contribuiu em todas as etapas do estudo desde a concepção, coleta de dados, análise e interpretação/discussão dos dados e revisão final do manuscrito.